

Literatura e adolescência: diálogos possíveis?

Literature and adolescence: can they dialogue?

Profa Dra Priscila Peixinho Fiorindo (UNEB)¹

RESUMO: O presente artigo pretende mostrar a relevância da literatura em prosa, ressaltando o conto “Fita-Verde no Cabelo” de Guimaraes Rosa, na educação de adolescentes, com objetivo de aproximar os referidos educandos ao mundo fantástico do conto de forma prazerosa para que eles possam compreender, por meio da arte literária, suas realidades, que abrangem conflitos, medos, angústias, dúvidas e descobertas, características próprias da adolescência.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, adolescência, conflitos, descobertas.

ABSTRACT: The presente article intends to show the relevance of literature in prose highlighting the short story “Fita-Verde no Cabelo” by Guimaraes Rosa in the education of adolescents aiming to draw students nearer to the short story’s fantastic world in a pleasant way so that they are able to understand, through literary art, their own realities covering conflicts, fears, anxieties, doubts and discoveries, which are typical adolescence characteristics.

KEYWORDS: literature, adolescence, conflicts, discoveries.

Adolescência...

O termo adolescência, derivado do latim *adolescere*, significa crescer, desenvolver-se. Este período indica uma fase de transição entre a perda da infância e o início da vida adulta, na qual o sujeito passa por uma série de transformações, onde surgem dúvidas, desafios, devido ao contato com o mundo, ainda, desconhecido. É neste contexto que surge a configuração específica de adolescência que veio a se difundir na contemporaneidade. Neste sentido, verificamos o conceito de indivíduo que necessita de apoio, ao mesmo tempo em que grita por independência e liberdade.

O adolescente é um indivíduo de passagem, que precisa “morrer”, no sentido de se desvincular da infância, para renascer em uma nova etapa da vida. Nesta fase, observamos o aumento da importância do grupo de amigos, a busca pela identidade, a tendência à imitação e à rebeldia, o questionamento de valores, a insegurança diante da sociedade, a

¹ Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus V*, onde atualmente é vice-coordenadora e docente permanente do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa - Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares. Doutora em Psicolinguística (USP). Mestre em Linguística (USP). Especialista em Arteterapia (IJBA-BA). Graduada e Bacharel em Letras (Mackenzie-SP).

dificuldade de relacionamento, a confusão e os medos. E, paralelamente, surgem os conflitos e a necessidade de realizar escolhas, onde aparecem dúvidas e angústias.

Gregorin (2011) ressalta que não existe uma faixa etária fixa para a entrada e a saída da adolescência, pois geralmente ela surge com a puberdade, porém depende do desenvolvimento físico do jovem e de cada cultura para definir esta etapa.

Nesta perspectiva, conforme Debortoli (2002), a construção da identidade dos adolescentes é contraditoriamente uma identidade individual e coletiva, pois ele precisa do grupo, do adulto e de referências; e paralelamente precisa diferenciar-se para construir sua própria identidade. A busca pela identidade passa por uma construção moral que o próprio jovem constrói, a partir de sua convivência com outros, enquanto cidadão, além de necessitar do apoio dos pais e professores.

Diante do contexto apresentado, como seria possível auxiliar o adolescente a compreender o novo mundo que se apresenta, para que ele possa entrar em contato consigo mesmo, reconhecendo suas fragilidades, mudanças constantes e descobertas?

Existem várias formas de responder a questão mencionada, dependendo da vertente teórica em que o estudioso se apoie. Então, vale ressaltar que não existe uma fórmula mágica, mas sim um conjunto de condutas do adulto, no qual o adolescente vive, que podem favorecer uma compreensão desta fase e, conseqüentemente, apresentar caminhos possíveis para que ele encontre um sentido, mais significativo, para o viver. E, uma dessas formas é o ensino da literatura. Pois,

Se, por não sei que excesso de socialismo, ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (BARTHES, 2004, p. 18).

Dessa forma, a literatura aparece como um componente de evidência que o jovem encontra para se conhecer e começar a entender as novidades que o cercam, pois ela traz o contexto sócio-histórico, cultural e ideológico, através de uma linguagem artística fascinante que conduz o adolescente à compreensão e ao enfrentamento dos obstáculos que surgem na vida.

O que é literatura?

Desde a Antiguidade Clássica o termo literatura esteve presente. A partir de então, passaram a existir diversos conceitos sobre esse campo de conhecimento. Partindo de algumas reflexões filosóficas, o termo literatura do mesmo modo que as demais Artes e as Filosofias, as Religiões e as Ciências, é uma forma ou tipo de conhecimento, especificamente, expresso por palavras de sentido polivalente. Para Aristóteles a literatura é imitação (mimese) da realidade. Logo, podemos dizer que literatura é arte que imita a vida, isto é, ela é o reflexo da realidade representada por meio da linguagem simbólica das palavras.

De acordo com Alcoforado (2008), o fenômeno literário, como uma criação estética da linguagem, não significa que essa criação só possa ser concretizada através da modalidade escrita. Levando em conta que a realidade de uma época, com os costumes, tradições, histórias contadas e cantigas folclóricas, é representada na e pela literatura, então não podemos desconsiderar a literatura oral, característica histórico-social de um povo. A título de ilustração, dentro de nosso contexto, observamos algumas cantigas de roda que conhecemos logo na primeira infância – “o cravo brigou com a rosa”; “escravos de Jó”, que fazem parte do acervo histórico cultural brasileiro.

Coelho (1966) considera a literatura como a vida transformada em palavras e para esse processo acontecer recorreremos ao imaginário, fundamental, pois nós vivemos muito mais pelo simbólico do que pela ação concreta.

Nesta perspectiva, a literatura é um espaço em que a linguagem é muito mais trabalhada, a fim de causar efeitos estéticos; por isso há nela maior liberdade em relação às regras gramaticais ou sintáticas, criação de palavras, variação de elementos gráficos, como por exemplo, tamanhos de letras, uso de cores, entre outras ferramentas (SARMENTO e TUFANO, 2010). Explorando o sentido conotativo das palavras o escritor quebra a rotina da linguagem e estimula o leitor a participar do texto, aguçando sua curiosidade intelectual e sua sensibilidade estética. Assim, o texto literário não tem um sentido pré-determinado, ele é antes um campo de possibilidades.

O papel da literatura na adolescência

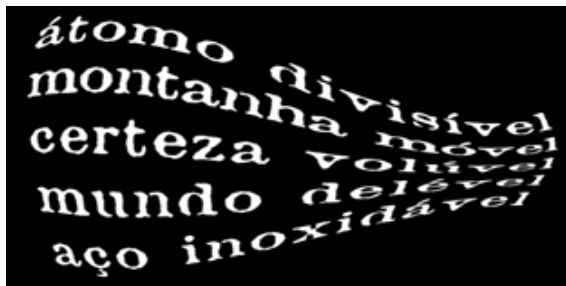
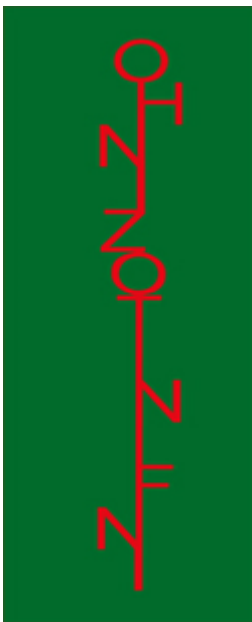
Segundo Moisés (1973), a literatura fornece um tipo único de experiência porque trabalha com a imaginação, que produz formas de vida possíveis, diferentes da nossa de todos os dias. Logo, a função da literatura é conhecer o mundo e os homens, contribuir para a revelação daquilo que o homem, conscientemente ou não, busca durante toda a vida, um sentido por meio do conhecimento.

Dessa maneira, o leitor torna-se capaz de formar opiniões próprias, a partir dos textos literários, tornando-se um sujeito crítico, pois a principal tarefa da literatura é a de formar a visão de mundo, a leitura de mundo. Isto se deve ao fato de que a literatura pode proporcionar ao leitor uma educação humanística, uma formação estilística do sujeito, em que o aluno desenvolve seus próprios meios de expressão, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade oral, além de uma educação para o gosto artístico. A arte é uma das mais puras fontes de prazer com que o homem pode contar, porém só por meio de uma orientação docente adequada, na abordagem do texto literário, é que o aluno adquire condições reais para usufruir desse prazer.

De acordo com Fiorindo (2012), o texto literário pode ser apresentado em prosa ou poesia, a primeira é a arte de discurso contínuo, organizado em períodos e parágrafos, sem preocupações com rimas, ritmo, métricas, aliterações. Os textos em prosa podem ser: romance (narrativa longa, com vários personagens que vivem diferentes conflitos e pode

apresentar diferentes temas, não somente histórias amorosas); novela (narrativa menor que o romance, composta de uma série de unidades encadeadas, mas articulada em torno de um pequeno número de personagens); e conto (narrativa que se concentra em torno de um único conflito, com poucos personagens).

Já a poesia é a arte que enaltece o rigor da métrica perfeita, rima rigorosa, ou sem rima, geralmente ela é dividida em estrofes e versos. E, na contemporaneidade, com os avanços das novas tecnologias, a poesia pode se apresentar de múltiplas formas, no ciberespaço, transcendendo os limites do gênero e da própria escritura e por isso ela torna-se uma arte híbrida, conforme observamos nos exemplos a seguir:



http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_artes_obras.php?id_type=7 Acesso em 22/02/2016.

Nesta perspectiva, as formas de apresentação do texto literário – prosa ou poesia e/ou prosa poética, como as obras de João Cabral de Melo Neto, necessitam de abordagens atualizadas dos referidos textos para que o adolescente consiga mergulhar a fundo, relacionando as informações do texto presente ao seu contexto diário, desenvolvendo, assim, uma competência leitora crítica, apresentando seus pontos de vista, seja na modalidade escrita ou por meio da oralidade. E isso só é possível pela mediação do professor, que interage e orienta os alunos por meio da arte literária.

Fita-Verde no Cabelo: a nova velha estória

Agora, daremos enfoque à narrativa de *Fita-Verde no Cabelo: a nova velha estória*, de Guimarães Rosa, que é uma estilização do conto *Chapeuzinho Vermelho* de Perrault, ou seja, há uma reformulação na nova história, em que o sentido do texto fonte é mantido.



Logo no início da narrativa “Havia uma aldeia em algum lugar [...] Todos em juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo” (ROSA, 1992, p. 1), observamos a descrição do espaço e da personagem principal, identificada com uma fita verde no cabelo. De forma rica e inteligente o autor traz a cor verde que representa o nosso país – Brasil, determinando o ambiente geográfico e, paralelamente, o mesmo verde, simbolizando a inocência, da “meninazinha” não estar, ainda, madura o suficiente.

Mais a frente, no decorrer da narrativa, verificamos a característica natural, nesta fase da infância, em que a personagem não mede as consequências futuras, pois ela quer viver o aqui/agora, saboreando cada instante de seu percurso a fim de levar os doces à avó, conforme o fragmento, a seguir:

E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós. Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa. Vinha sobejadamente (idem).

Tal comportamento é semelhante ao do adolescente que tem que tomar decisão e de forma espontânea escolhe um caminho, que não é certo nem errado, mas o necessário para que ele conheça o desconhecido.

Quando Fita-Verde chegou à casa da avó, a encontrou muito debilitada, conforme o relato:

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar aggado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: – “Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo”. Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço (ibidem, p. 4).

Aqui constatamos o conflito vivido pela personagem, que não esperava encontrar a avó mal, sem vivacidade e anunciando, verbalmente, que logo não estará mais presente entre a família, conforme grifo nosso. E quando a personagem percebe que perdeu a fita verde no cabelo, fica triste, pois isto indica que ela tem que enfrentar a nova realidade de perdas, saída da infância e entrada na adolescência e a ausência da avó, que exige amadurecimento.

E, no desfecho do conto, por meio do diálogo final entre a avó e Fita-Verde verificamos a concretização da nova situação, em que a menina, agora, se dá conta de que tem que aprender a lidar com as mudanças que a vida lhe traz, conforme visualizamos no fragmento:

“Ela perguntou:

- Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

- É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... – a avó murmurou.

- Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!

- É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

- Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido!

- É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez.

Gritou: – Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo” (idem).

Tais mudanças assumidas por Fita-Verde são marcadas, grifo nosso, pelo medo, aflições e, conseqüentes descobertas, peculiaridades referentes ao adolecer – processo de crescimento tanto físico quanto psicológico, inatos ao desenvolvimento do indivíduo.

Considerações finais

Diante do exposto, observamos que é possível trabalhar o contexto linguístico-discursivo, por meio do léxico e, paralelamente contextualizar as mudanças que a personagem de Guimarães Rosa sofre, lembrando seu referente *Chapeuzinho Vermelho*, comparando com o próprio comportamento dos adolescentes. Aqui, identificamos a intertextualidade, o diálogo entre os dois textos mencionados (Fita-Verde e Chapeuzinho). Por esse viés, verificamos uma maior aproximação entre o mundo real do educando e o mundo fantástico da literatura que possibilitam a compreensão da vida.

Logo, fica evidente que a literatura bem orientada aciona a inventividade do adolescente porque valoriza a sua subjetividade. Assim, o estudante entrega sua imaginação, revela seu potencial criativo e descobre que é capaz de interpretar e produzir textos interessantes, a partir do contato com textos literários, estes mediados pelo docente, de forma interativa e contextualizada à realidade do educando, contribuindo para a formação da personalidade do sujeito aprendiz.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Doralice F. Xavier. Literatura oral e popular. **Boitató – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, nº especial ago-dez, p.10-116, 2008.

BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da Cadeira de Semiologia literária do Colégio de França pronunciada no dia 07 de janeiro de 1977**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

COELHO, Nelly Novais. **O ensino da literatura**. São Paulo: FTD, 1966.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Adolescência(s): Identidade e Formação Humana. In: CARVALHO, A; SALLES; GUIMARÃES, M. **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 31-47.

FIORINDO, Priscila Peixinho. Abordagens do texto literário para a formação do leitor crítico. **Revista Língua Portuguesa: conhecimento prático**. ISSN 1984-3682. nº 36, p. 28-33, maio 2012.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

MOISÉS, Masssaud. **A criação literária: introdução à problemática da literatura**. 6ªed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

ROSA, João Guimarães. **Fita-Verde no cabelo: nova velha estória**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SARMENTO, Leila Lauar e TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática, produção de texto**. São Paulo: Moderna, 2010.

http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_artes_obras.php?id_type=7 Acesso em 22/02/2016.